



# APRESENTAÇÃO

Glória Onelley<sup>1</sup>  
Greice Drumond<sup>2</sup>

O número 71 de *Cadernos de Letras da UFF*, ao constituir-se como fórum interdisciplinar e de vozes várias, apresenta um panorama da cultura greco-romana e da recepção desse legado na tradição literária e artística de língua portuguesa, sobretudo nas literaturas brasileira e portuguesa. Reunindo pesquisas que articulam literatura, filologia, filosofia, história, artes e teorias da recepção, este volume resgata e atualiza tal legado, evidenciando sua vitalidade no imaginário contemporâneo.

Assim, ao publicarmos este periódico com 15 contribuições, buscamos não apenas fomentar o intercâmbio acadêmico mas também reafirmar a atualidade e a permanência dos Estudos Clássicos, como instrumento de formação, de leitura do mundo e de compreensão das matrizes que estruturam nossa cultura.

Abrimos o presente número com o artigo de Giuliana Raguza, intitulado “Heróis e bodas na poesia grega arcaica: Homero, Baquílides, Píndaro”, que analisa o papel do casamento, *gámos*, na vida masculina, especialmente como um rito de passagem do jovem para a vida adulta. Apresenta a autora uma visão inovadora sobre o tema, afastando-se do enfoque mais comum em que

---

1 Professora Titular de Língua e Literatura Grega da UFF e professora permanente do PPGLC-UFRJ.

2 Professora Associada de Língua e Literatura Grega da UFF e do PPGLC-UFRJ.

o gámos aparece como central na vida feminina. No âmbito da poesia grega arcaica, a autora aborda a figura de três heróis em gêneros poéticos diferentes: na épica homérica, com Telêmaco, e na poesia mélica de Baquílides e de Píndaro, com os heróis Teseu (*Ditirambo 17*) e Pélops (*Olímpica 1*), respectivamente. Ao demonstrar que esse rito está sempre articulado com ações físicas dos heróis, aventuras ou competições, Giuliana Ragusa destaca o papel do casamento como um elemento de maturidade e identidade dos heróis.

Inserindo-se também no âmbito da épica grega arcaica, o estudo apresentado por João Pedro Barros Guerra Farias e Bruna Moraes da Silva, “As faces do medo nos cantos homéricos”, explica a importância do medo, especialmente nas epopeias homéricas *Ilíada* e *Odisseia*, e enfatiza como esse sentimento contrasta com a visão posterior - sobretudo medieval - que o associava à pusilanimidade. Por meio de passos vários dos poemas, os autores atestam que o sentir medo é uma emoção legítima, central e presente entre os heróis gregos. Com efeito, em vez de anular sua coragem, essa emoção evidencia um modelo de heroísmo mais humano, que se afasta da tradicional associação entre medo e covardia.

Com ênfase na importância da deusa Atena na trajetória de Odisseu, o artigo “A intervenção de Atena como condição indispensável para o retorno de Odisseu a Ítaca”, de Gilbéria Felipe Alves Diniz, analisa como a deusa atua para garantir o retorno do herói a Ítaca, em que *philía*, *areté* e o favor divino são fundamentais para a realização do destino da personagem.

No artigo “O trágico e o cômico na construção narrativa da natividade de Hércules”, de Marcos Tindo e Aline Souto, compara-se o mito do nascimento de Hércules no *Amphitruo*, de Plauto, com versões anteriores encontradas em *Ilíada*, no *Escudo de Héracles*, na tragédia *Héracles* e em dois vasos cerâmicos em exposição no British Museum.

Marcelo Hanser Saraiva, em “Mito e culto dionisíacos: o deus ambivalente”, investiga o deus Dioniso como expressão simbólica da *coincidentia oppositorum*, ressaltando a ambivalência essencial dessa divindade que reúne vida e morte, prazer e violência, êxtase e loucura. Em seu estudo, o autor configura o deus em seu paradoxo fundamental, pois, em Dioniso, a criação só se realiza por meio da ruptura.

Em “O sublime no *Icaromenipo* de Luciano de Samósata”, Hector Garcia de Andrade avalia de que modo o sublime, tradicionalmente associado a gêneros sérios, aparece de forma inovadora na obra de Luciano de Samósata, combinando a teoria da sátira antiga, de Ralph Rosen, com a reinterpretação da estética helenística feita por James Porter (2011), que enfatiza a αἰσθησις e a interação paradoxal entre o detalhe e a grandeza cósmica.

Carol Martins da Rocha, em “Diálogos entre autoria feminina e gêneros literários na Carta 11 das *Heroídes* de Ovídio”, discute como as características da escrita elegíaco-epistolar se articulam com elementos próprios do drama e apresenta como fundamentação teórica, de um lado, o conceito de comunidade literária feminina formulado por Laurel Fulkerson (2005) e, de outro, a relação entre drama e epístola tal como proposta por Dan Curley (2013).

Daniel Falkemback Ribeiro estuda as comunidades rurais representadas na poesia bucólica pós-virgiliana em seu artigo “Poesia camponesa e audiência urbana em Calpúrnio Sículo e Nemesiano”. Seu objetivo é demonstrar como os poemas desses autores apresentam distintas percepções dos camponeses na cultura imperial romana, em comparação com a caracterização do homem do campo na tradição bucólica virgiliana.

Na área das antigas biografias, o artigo de Carlos Eduardo Santos, em “Os espetáculos públicos e a construção da imagem literária dos imperadores na *De Vita Caesarum*, de Suetônio”, tem por objetivo avaliar como o autor destaca a organização e a execução dos espetáculos com uma forma de construir a imagem

moral e política dos imperadores, refletindo tanto suas virtudes quanto seus vícios.

Nesse percurso de reflexão sobre a biografia como instrumento de construção de sentido histórico e literário, destaca-se também o artigo “*Éthos e páthos na historiografia literária portuguesa: a biografia de Camões por Teófilo Braga à luz dos conceitos de historia ornata e magistra vitae*”, de Marcello Zanfra, que examina de que modo a biografia camoniana, elaborada por Teófilo Braga, articula princípios da retórica clássica à sua inserção na “plenitude historiográfica oitocentista”. O estudo demonstra que, embora plenamente integrado aos pressupostos historicistas do século XIX, o autor mobiliza conceitos e métodos presentes na tradição retórico-historiográfica antiga, dialogando com Aristóteles, Cícero e com a *Retórica a Herônio*.

Em “*As amadas de Camões na Vida do Poeta*, de Manuel de Faria e Sousa (1639)”, Gustavo Luiz Nunes Borghi mostra que, imitando os modelos antigos das *vitae*, Manuel de Faria de Sousa compõe, em 1639, a *Vida do Poeta*, em que expõe aos eruditos e homens de corte os feitos de Luís de Camões, suas obras, seus vínculos pessoais e sua projeção póstuma. Nesse contexto, evidencia-se a centralidade das figuras femininas tanto nas relações cortesãs do poeta quanto em sua lírica. Borghi argumenta que Faria e Sousa, ao descrever essas mulheres, busca construir uma imagem verossímil de Camões como poeta forjado nos temas da guerra e do amor.

Em “*Ductus misterioso e prudência em sermões do Padre Antônio Vieira*”, a categoria de “*ductus misterioso*” é analisada como elemento distintivo no andamento de diversos sermões do Padre Antônio Vieira. Ana Lúcia Machado de Oliveira e Ghabriel Ibrahim aliam ao *ductus* a compreensão de *prudentia*, com uma retomada de seus respectivos sentidos nos autores clássicos, a fim de ressaltar a dimensão moral dessa expressão retórico-poética que direciona o público ao Bem absoluto.

No âmbito da recepção dos clássicos, Adriane da Silva Duarte e Giovanna Angela Agulha Sarti, em “Os fabulosos leões fabulares de Millôr Fernandes: estudos de caso da recepção esópica”, destacam a releitura da obra de Esopo feita pelo referido jornalista, que se vale da fabula como instrumento crítico para interpretar o Brasil do século XX. Ele reelabora motivos esópicos para encenar a tensão entre opressores e oprimidos, que marca tanto os anos de ditadura quanto o período democrático posterior.

Considerando, ainda, a recepção moderna dos clássicos na produção pictográfica, Gelbart Souza Silva, em “Dicotomia em cor: os mitos de Jano e Narciso na visão pictórica de Mijangos”, examina duas ilustrações de Amanda Mijangos, Jano e Narciso, elaboradas para o *Diccionario de mitos clásicos*, de Esperón e Ovies, e concentra-se na oposição cromática entre claro e escuro como elemento estruturante das imagens, para evidenciar a dicotomia presente na narrativa mítica de cada personagem.

Em “A biblioteca de Estudos Clássicos nas universidades federais brasileiras”, Jovane Cabral Guerra da Silva Rocha e Cesar Alexandre Neri Santos apresentam um levantamento das dez obras mais indicadas em planos de ensino de cursos de Letras de universidades federais brasileiras na área de Estudos Clássicos, fazendo uso dos pressupostos da Linguística de *Corpus* e da bibliometria para construir este *ranking*. Nos resultados, mostra-se a predominância do ensino de latim sobre o de grego, sendo atestada uma tradição pedagógica ainda fortemente gramatical com preferência por manuais antigos.

Os trabalhos aqui apresentados evidenciam a vitalidade e a diversidade dos estudos sobre a tradição clássica, contemplando desde a biografia antiga e suas ressignificações modernas até a retórica, a historiografia literária, a recepção pictográfica e as reinterpretações contemporâneas das formas míticas e fabulares. Ao explorar diferentes gêneros, métodos e objetos - das *vitae* imperiais à biografia camoniana oitocentista; do *ductus* misterioso nos *Sermões* de Vieira às recriações esópicas de Millôr

Fernandes; da análise das personagens homéricas e da poesia méllica aos mapeamentos bibliométricos do ensino de línguas e literaturas clássicas no Brasil -, o conjunto demonstra como os clássicos seguem atuando como campo fértil de reflexão crítica, diálogo interdisciplinar e renovação interpretativa. Assim, esse dossiê reafirma não apenas a permanência dos temas da Antiguidade mas também sua capacidade transformadora na cultura contemporânea, convidando o leitor a percorrer caminhos múltiplos em que tradição e atualidade se iluminam mutuamente.